

ACERVO SALVO E O MOTOQUEIRO FANTASMA

Após a boa notícia da transformação em réu do inominável por seus crimes contra a democracia, outra excelente notícia: o precioso acervo de projetos (mais de 700) do arquiteto e professor Arnaldo Martino deverá ir para a biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – FAU, onde será preservado. São centenas de projetos de arquitetura e urbanismo deste que é um dos expoentes da chamada “Escola Paulista” de arquitetura, que realizou grandes obras ao longo de décadas de atuação.

Arnaldo Martino formou-se na FAU USP em 1964 – ano do golpe militar. Já neste período inicia sua atuação profissional em um escritório colaborativo dividindo espaço com Sérgio Ferro, Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Matheus Gorovitz, José Guilherme Savoy de Castro e Sérgio Bergamin, esses dois últimos seu colegas da equipe vencedora do concurso de projetos da sede da Prefeitura de Franca em 1965. A participação em diversos concursos - muitos publicados na revista Acrópole - e principalmente a vitória no concurso para a sede da Secretaria de Agricultura de São Paulo e sua construção, deram visibilidade ao arquiteto, levando-o à docência na FAU. Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB.

Fomos informados que as bibliotecárias da FAU estiveram com Martino para emitir o parecer final para o recebimento e acolhimento da obra deste importante arquiteto, dois anos depois de uma jornada que envolveu a digitalização de parte do material.

A intermediação dessa operação de salvamento do acervo teve participação do arquiteto Edison Hiroyama, um profissional que mistura várias habilidades: no computador e obra com seus projetos, na academia como professor universitário, no tatame como judoca faixa preta e no turismo, visitando locais do interior e divulgando imagens da arquitetura e da paisagem encontrada. Viaja pelo território paulista como exímio “motoqueiro fantasma” que rasga as estradas em alta velocidade, mas sempre dentro dos limites permitidos pela rodovia. Até porque sua experiência anterior com um velho Fusca não o habilitou a correr muito.

Esses são apenas algumas das facetas do Hiroyama, imagino que para os que convivem no cotidiano com ele existam várias outras. Eu o conheci alguns anos atrás quando resolvi doar minha coleção de revistas de arquitetura em papel que ocupavam dois armários inteiros e não fazia sentido mantê-las, não havia mais quem as consultasse aqui e em sua maioria estavam acessíveis pela internet. Coloquei um anúncio numa rede social e recebi contato do Hiroyama, que se dispôs a buscar as revistas em Franca.

Dias depois, apareceu no Lab das Artes o arquiteto num velho Fusca. Com um carrinho de mão lotamos o banco traseiro e o porta-malas do carro com as revistas, foram todas para seu escritório numa casa antiga do velho bairro paulistano do Bixiga que cheguei a conhecer.

A experiência exitosa do Hiroyama com o destino do acervo de Martino permite lembrar uma questão que me preocupa, já escrevi sobre isso pouco tempo atrás e está começando a ser discutida com mais profundidade. Quem estuda a história da arquitetura e do urbanismo até agora no interior do país quase sempre se envolve com acervos em papel guardados pelas prefeituras das cidades, os chamados “projetos aprovados”, pois os acervos individuais preservados são poucos, ocorre somente com os grandes nomes da arquitetura. Alguns acervos até vão para o exterior, como o de Paulo Mendes da Rocha, que está guardado em Portugal.

No entanto, o processo de informatização das prefeituras que está em franco desenvolvimento, com a aprovação dos projetos on-line, está levando a um processo de guarda pelo poder público de um acervo digital armazenado nas “nuvens” das big techs e não mais em papel. Como ficará o futuro pesquisador diante disso, projetos serão preservados e acessíveis a pesquisas? E se houver um bug do milênio que apagar tudo? É um risco como os incêndios, as big techs são empresas

privadas comandadas por pessoas que querem governar o planeta e pior, de vez em quando são absorvidas umas pelas outras, o que restará de fato preservado?

É um debate em andamento. A Prefeitura de Rio Claro produziu um interessante manual para enfrentar essa questão, mas é uma iniciativa rara, a maior parte das cidades nem começou a se atentar para essa questão.

O mesmo sentimento de estranheza sinto com a profusão de imagens no mundo atual. Todo mundo é fotógrafo, são zilhões de fotos urbanas digitais. Como selecionar o que é importante preservar, o que será preservado? Sou de um tempo de “pobreza” radical de imagens do passado, de raras fotografias em preto e branco, mais raros ainda filmes com a visão das cidades, como era sua arquitetura e seu urbanismo. Um desafio para os novos tempos e os futuros pesquisadores do passado. Espero que se divirtam como nós.

Mauro Ferreira é arquiteto